

REVISTA

DO

Instituto Historico e Geographico

DE

SÃO PAULO

VOLUME VIII

1903

SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO OFFICIAL»

1904

39209

Da evolução histórica do vocabulário geográfico no Brazil

POR

THEODORO SAMPAIO

As observações que se seguem fôram-me suggeridas pela critica que, ac meu livro sobre o *Tupy na Geographia Nacional*, ha pouco publicado, fizeram alguns cultores das cousas patrias e homens de letras que se dignaram prestar-lhe um pouco de attenção.

Devo dentre estes destacar a José Verissimo que, pelo *Correio da Manhã* (1), fez sobre o meu livro mais larga apreciação e emittiu conceitos, alguns dos quaes não pôdem passar sem contradicta da minha parte, já em bem da verdade histórica, já no interesse do proprio objecto debatido.

Não viu o abalisado critico do *Correio da Manhã*, no meu citado livro, um verdadeiro trabalho histórico restaurando vocabulos de uma lingua que já não era precisamente a que elle considerou, isto é, a primitiva lingua tupy ou guarany de Montoya e de Restivo de que tão especialmente se occupou, e de modo brilhante, Baptista Caetano. O meu ponto de vista não foi, como pensou o critico, o do purismo linguistico, não foi o de depuração para restituir ao tupy a sua primitiva feição, mas sim o de interpretar ou explicar o vocabulário geográfico indigena, segundo a sua origem e procedencia, considerando o tupy —guarany, não pelo que diz respeito á pureza e correcção perfeita dessa lingua, tal como nol-a transmittiram os que primeiro trataram della, mas tal como era falada e corrente entre as populações neo-portuguezas, ao tempo em que os sertões se desbravaram e se fôram povoando, e a quem de facto se deve a quasi totalidade das denominações de logares que a nossa actual geographia conserva.

Nunca foi empenho nosso, ao escrever esse livro, aquelle que o abalisado critico considerou como o maior padrão de gloria de Baptista Caetano, isto é, . . . « . . . o de ter procurado no estudo do guarany, a que especialmente se dedicou, o que era a

(1) *Correio da Manhã*—Resenha de livros—artigo edictorial por José Verissimo—n. 201 de 1.º de Janeiro de 1902.

lingua do momento ou antes do descobrimento e conquista, separando-a do que foi após o contacto com os descobridores e a mistura das raças e lingua.»

O meu empenho foi justamente o contrario; era o de explicar o vocabulario geographico indigena, sem perder de vista o meio historico, sem desprezar o phenomeno evolutivo da lingua-gem que indubitavelmente devia reagir sobre as denominações desses logares, não esquecendo, comtudo, como na verdade não esqueci, de assignalar as differenças entre a lingua pura e a que resultou da natural ou preparada evolução.

Erraria decerto o meu alvo si, para explicar o referido vocabulario, deixasse em olvido a sua genesis historica, a sua formação nos varios periodos em que a lingua se achou em contacto diuturno com a lingua dos europeus, para só me occupar com restaurar a pureza della.

E' bem certo que o tupi, durante a conquista europea, bastante se modificou, não só em vocalização, como na expressão das idéas.

E' isto um facto que não soffre contestação.

Por isso, ao resumir a grammatica tupi para o fim de assentar as bases explicativas do vocabulario a interpretar, pareceu-me indispensavel assignalar as modificações soffridas, as differenças dialectaes, as modalidades do falar. Não importa isso, decerto, em sacrificio da grammatica classica, nem tão pouco trouxe confusão, viciando as noções como disse o critico do *Correio da Manhã*, mas pôe em relevo as alterações soffridas pela *lingua geral*, alterações que mais adeante teriam de ser invocadas para explicar o vocabulario, tal como elle se formou.

Para justificar isto, basta descrever a largos traços a evolução historica do vocabulario geographico indigena. Apareceu este tal como hoje o temos, como um corollario natural do povoamento do paiz sob o influxo civilizado dos europeus. E' grave erro suppor-se que as denominações das localidades de procedencia tupi, são obra de selvagens, e que os portuguezes não fizeram mais do que receber do gentio e conservar o vocabulario geographico que hoje existe no Brazil. Poucos, bem poucos são os nomes do lugar que tiveram essa origem. Quasi todos são de procedencia neo-portugueza. Vieram dos sertanistas, dos bandeirantes, dos descobridores de sertão que quasi todos falavam o tupi, e manejavam essa lingua como um recurso de alta valia nas peregrinações pelo interior.

Como é de prever-se, o europeu, aportando ás nossas plagas pela primeira vez, e desconhecendo a lingua dos naturaes,

não podia certamente dar aos logares que iam visitando e descobrindo denominações de procedencia indigena.

Assim é que vemos, na costa do Norte, onde com Alonso de Hojeda, Pinzon e Lepe, são os hespanhoes os primeiros na serie dos descobridores, os nomes hespanhoes de *Santa Maria de la Consolacion*, *Rostro Hermoso*, *Mar Dolce*; ao passo que na costa oriental onde os portuguezes têm procedencia no descobrimento; as denominações como *Monte Paschoal*, *Porto Seguro*, *Vera Cruz*, *Santo Agostinho*, *S. Francisco*, *Todos os Santos*, *Rio de Janeiro*, *Angra dos Reis*, *S. Sebastião*, e *S. Vicente*, applicadas desde as primeiras viagens, attestam claramente a consulta prévia do calendario christão, á medida que aos navegadores se deparavam novas paragens.

As denominações locais de procedencia indigna só depois é que apparecem nos roteiros e nas cartas de marear.

Vê-se bem que o trato com os naturaes da terra, a sua amizade, o conhecimento de sua lingua, cousa só possivel depois que o commercio os approximou do europeu, são condições que deviam preceder a quaesquer outras relações visando o conhecimento do paiz e a denominação das localidades.

Durante trinta annos depois do descobrimento, não se fez nas costas do Brazil outro commercio que não o do *pau brazil* e o das aves e animaes que se colhiam nas feitorias esparsas e ephemerias que os contractadores aqui mantinham. Nesse periodo obscuro, a costa, todavia, se tornou conhecida; não faltavam praticos dellas, não eram raros os interpretes.

Começaram os portuguezes e francezes que então frequentavam os mares do Brazil a adoptar os nomes indigenas que os proprios naturaes davam aos logares de sua habitação.

No roteiro de Pedro Lopes de 1530, já se lêem nomes como *Pernambuco*, *Itamaracá*, *Maranhã*, *Percaury*, *Tynharé*, que são evidentemente de procedencia indigena, mas ainda assim as denominações dos logares mais importantes e mais salientes ou caracteristicos da costa são em grande maioria de procedencia portugueza: *cabo de Santo Agostinho*, *ilha de Santo Aleixo*, *barra de São Miguel*, *rio de São Francisco*, *serra de Santo Antonio*, *Ponta do Padrão*, *ilhas dos Abrothos*, *Cabo Frio*, *Rio de Janeiro*, *Ilha Grande*, *Ilha de São Sebastião*, *rio de São Vicente*, *Cananéa*, *Santa Catharina*, *Cabo de Santa Maria*. Os nomes selvagens ainda não tomam a proeminencia.

Só depois que a colonização regular começou, que o paiz se dividiu em capitánias, e que mais tarde a metropole resolveu fundar um governo regular na colonia, é que o elemento indigena mais solicitado e tornado indispensavel á satisfação das

necessidades novas, começou a reagir e a influir sobre a comunidade em seus varios aspectos.

Começa então a predominar na colonia o influxo do missionario, e o jesuita transforma o selvagem no *cabocolo* que vem a ser com os annos o tronco robusto donde descende a maioria da população neo-portugueza,

Desde essa época começa a avultar o vocabulario indigena na geographia da colonia. Que isso é, porém, o resultado lento do apostolado christão na America, do trabalho politico e religioso de salvar-se a população primitiva, cuja natural tendencia era a de desaparecer diante da raça invasora mais forte, se reconhece logo ao estudar o desenvolvimento e modificação que o tupi experimentou por influencia dos europeus.

Emquanto a lingua indigena, pelo influxo dos catechistas, não se fez um vehiculo generalizado na população da colonia; enquanto o tupi não se tornou lingua corrente na cidade e nas aldêas, as fundações novas que se iam assentando para o interior ainda não recebem um nome tirado da lingua dos naturaes. Os proprios missionarios não denominaram pela lingua do gentio catechizado as primeiras aldêas que então fundaram.

Das cartas dos jesuitas se vê que as primeiras aldêas que elles catechisaram não tinham outros nomes que não os tirados do calendario christão. Em torno da cidade do Salvador que Thomé de Souza acabava de fundar os discipulos de Santo Ignacio iam ensinar ao gentio para as aldêas do *Espirito Santo*, *São João*, *Santo Antonio* como nol-o refere Fernão Cardim.

Um quarto de seculo depois, já apparece em grande numero, formando a maioria da população neo-portugueza do Brazil, os filhos christãos dos submettidos, os descendentes crusados do portuguez e do gentio, falando quasi todos a lingua deste — a *lingua geral*.

Começa então o predominio do tupi nas denominações de logares que se descobrem para o interior, ou que apparecem no littoral como um nucleo de população nascente.

Hans Staden em 1557, nas suas viagens e captiveiro entre os selvagens do Brazil, cita-nos já um grande numero de localidades, trazendo nomes tupis. Vemos ali, alem de *Pernambuco* e *Itamaracá* que elle grapha *Pranembuke* e *Tamercá*, *Garasú* por *Igaraçú*, *Marin* (actual cidade de Olinda), *Supercaguy*, *Jurumirim*, *Acuti*, *Urbioneme*, *Imbiassape*, *Iguaguaçupe*, *Bertioga*, *Ubatuba*, *Manguape*, *Iteroenne* (Nichteroy), *Tycoarype*, *Parahyba*, *Maembipe*, *Mambucaba*, *Ocaruçú*, *Aririaba*, *Taquaraçutyba* e outros.

Trinta annos mais tarde, o *Roteiro do Brazil* de Gabriel

Soares de 1587 é já um ról de nomes tupis na denominação de rios, barras, bahias, pontas e cabos em toda a extensíssima costa desde o cabo de S. Roque até o rio da Prata, ou pelo menos desde o Parahyba para o sul.

Confirma-se nesse notabilíssimo documento o que já se disse com relação ás denominações de logares por influencia da raça neo-portugueza. Vê-se ali em toda a extensão da costa onde já penetrou a civilização pelo concurso dessa raça, as denominações tupis prevalecendo e conservando-se tão somente os nomes portuguezes naquella região onde a colonização não começou. Percorrendo-se a serie de nomes com que ali se designam cabos, rios, bahias e enseadas, desde o Amazonas até perto da Parihyba, a este tempo o estabelecimento mais avançado dos portuguezes na costa do norte, nota-se logo o predominio de nomes portuguezes como : *Amazonas, rio da Lama, Serra Escalvada, ilha das Vaccas, bahia dos Santos, rio de João de Lisboa, bahia dos Reis, rio do Parcel, rio do Meio, bahia de Anno Bom, bahia da Corôa, rio Grande dos Tapuyas, rio dos Negros, Barreiras Vermelhas, Ponta dos Fumos, rio da Cruz, rio do Parcel, rio das Ostras, o monte de Li, bahia dos Arrecifes, rio de S. Miguel, Cabo Corso, bahia das Tartarugas, rio Grande, Cabo de S. Roque, rio Pequeno*, que os indios tambem chamavam *Baquipe, rio Grande, porto dos Busios, Ponta da Pipa, bahia da Traição*. Em cerca de dusetas leguas da costa, não se encontra ro citado Roteiro mais que nove nomes de procedencia tupi designando logares della : rio de *Maranham, Macorive*, aliás *Macoripe, Jaguaribe, Guarapari*, ou *Guariuari, Itapitanga, Itacoatayara* por *Itacuatiara, Tabatinga e Aratipicaba*.

Mas da Parahyba para o sul, onde a civilização portugueza já domina, a nomenclatura dos logares em vez de ser portugueza, é quasi que exclusivamente tupi, como, por exemplo, *Jaguaripe, Aramama, Abionabujá, Capivari-mirim, Itamaracá, Igaracú, Pernambuco, Paracaury* que se alterou para *Percaauri* e ainda para *Pero-Cavaim, rio Jaboatão, rio Ipojuca, rio Maracaípe, rio Una, Camaragibe, porto Jaraguá, porto de Sapetiba, rio Cururipe* e muitissimos outros pela costa ao sul, entre os quaes, por excepção, ainda perduram os primitivos nomes portuguezes applicados pelos primeiros navegadores e donatarios, como : *Conceição, Olinda, Cabo de Santo Agostinho, Santo Aleixo, rio de S. Miguel, rio Formoso, rio de S. Francisco*.

Sobreléva, porém, notar que, á medida que o povoamento do litoral se estende, a nomenclatura portugueza primitiva mostra tendencia para desaparecer, substituindo-se por denominações tupi. O nome *Parahyba* substitúe para sempre o de *rio*

de *S. Domingos*, com que nos antigos mappas e roteiros se designava o rio que então era a divisa natural entre *Potiguaras* e *Caetés*.

Na costa do norte, para além de *S. Roque*, essa substituição é ainda mais radical. O nome *Gurupy* substitue o de *rio da Lama* dos roteiros antigos, *Tury-assú* ao da *Ponta dos Baixos*, *Itacuhumé* ao de *Serra Escalvada*, á entrada da bahia do Maranhão. O nome de *ilha das Vaccas* desaparece sem deixar vestígios e se substitue pelo de *Maranhão*, ou pelo actual de *S: Luiz*; o de *João de Lisboa* troca-se provavelmente pelo de *Mearim*; o da bahia dos Reis substitue-se pelo de *Piriá* ou de *Guaxenduba*; o rio do Meio é o actual das *Preguiças*. A bahia de Anno Bom passa a chamar-se *barra da Tutoya*; a da Corôa é a das *Ccnarias* no delta do rio *Parnahyba*, nome este que substitue o primitivo de *rio Grande dos Tapuyas*. O rio dos Negros é hoje a *barra da Timonha*; as Barreiras Vermelhas são hoje as barreiras do *Camocim*. A Ponta dos Fumos ficou se chamando *Jericoacoara*. O rio da Cruz passou a denominar-se *Acaracú*; o do Parcel, *Aracaty-assú*, junto de cuja barra está o porto dos Barcos. O rio das Ostras trocou o seu nome pelo de *Curú*, e o monte de *Li*, cujo nome é ainda um enigma na nossa historia da geographia, é hoje provavelmente representado pelas alturas do *Choró*, talvez a *Pedra Aguda*, emquanto que o surgidouro dos *Parceis*, entre o dito monte e a enseada do *Mocoripe* é a actual de *Iguape*. O rio *Jaguaribe* não perdeu o seu nome primitivo, mas o seu affluente da esquerda que, segundo Gabriel Soares, dividia os *Potiguaras* do littoral dos *Tapuyas* do sertão, perdeu o seu nome primeiro de *Rio Grande* e passou a chamar-se *Banabuhú*.

A transformação do vocabulario, do portuguez para o tupi é porém facto que só no littoral se observa, porque no interior do paiz só por excepção é que a nomenclatura local se altera.

Ahi, de facto, a nomenclatura é toda indigena, quer recebida ella do proprio selvagem, quer applicada pelos conquistadores, que, no geral, sendo Paulistas, falavam a lingua do gentio.

Em todo o logar onde penetrou a influencia paulista, a nomenclatura geographica tupi prevaleceu: O Padre Vieira refere que, no commum, se falava a lingua do gentio entre as familias de *S. Vicente* e que o portuguez se ia aprender ás escholas. Os chronistas e historiadores contam que nenhuma exploração no interior se levava a effeito sem o concurso do gentio manso, que é quem fornecia os guias e o grosso da expedição. Os guias eram tudo nessas arriscadas empresas. Delles dependia o successo da *bandeira* ou da *entrada*. «Elles são os que fazem os

caminhos, diz o chronista dispõem as jornadas, fazem as paradas e elegem o sitio onde devem pernoitar, seguindo nesta parte os portuguezes quando elles determinam e confiando da sua capacidade a marcha militar.» (1)

Foi com taes elementos que se explorou e povoou o Brasil interior. Não é, pois, de extranhar que da lingua mais geralmente falada procedesse o vocabulario geographico que hoje temos.

Mas o tupi que já então se falava na colonia, a chamada *lingua geral*, não era mais o tupi ou guarany puro; já não podia sel-o, não só porque o fundo da população que o falava tinha mudado com a transfusão do sangue europeu, como porque a influencia das idéas novas, o influxo civilizador, tinha-se-lhe penetrado largamente.

A *lingua geral* do segundo e terceiro seculo depois do descobrimento, a lingua donde procede todo o vocabulario brasílico que a nossa geographia conserva, já não podia ser o tupi puro, o de momento ou de antes do descobrimento e conquista de que se occupou Baptista Caetano e que o illustre critico do Correio da Manhã julgou que eu tambem devia guardar extreme de confusões, separando-o do que foi após o contacto com os europeos.

Seguir porem essa trilha, ao escrever o *Tupi na Geographia Nacional*, é que seria positivamente errar o meu alvo, porquanto o vocabulario geographico de um paiz deve incontestavelmente reflectir o estado, o gráo de pureza, perfeição ou decadencia da lingua de que procede.

Se as regiões centraes do Brazil devassadas e começadas a povoar no seculo XVIII exhibem hoje um vocabulario geographico tupi, é porque o tupi ainda era nesse tempo a lingua falada entre os seus primeiros exploradores, e, decerto, a lingua corrente no Brazil meridional no seculo XVIII entre as populações do campo, não era sinão um tupi corrupto, um tupi modificado pela prosodia do europeu e influenciado pelas idéas deste.

Porque pois, romper com essa condição historica, afastando-me do meio linguistico real, coevo, para reportar-me por um escrupolo de purista ao tupi pre-columbiano ou contemporaneo do descobrimento?

A minha these exigia, ao contrario, que eu não despresasse os dialectos, que não desconhecesse a influencia modificadora do tempo e do contacto com povos estranhos, factores inilludiveis da alteração da linguagem.

Por effeito disso, o proprio vocabulario tupi melhorou e progrediu. Muitos nomes indígenas de localidades, rios e monta-

(1) Simão de Vasconcellos — Chronica da Companhia de Jesus.

nhas são evidentemente de procedencia mais culta do que a que em boa regra se podia attribuir ao selvagem, que, a bem dizer, não possuia cultura alguma.

Temos aqui em S. Paulo exemplo disso. Referem os mais antigos viajantes e escriptores que o gentio dava ao rio que banha esta capital o nome *Anhemby*, o qual, por isso, se denominou durante algum tempo, e se figurou nos velhos mappas geographicos com esse nome. Entretanto, mais tarde, já depois que as *bandeiras* começaram a descer para os sertões, seguindo o curso desse rio, foi-lhe mudado o nome para *Tietê* (curso d'agua verdadeiro) como que traduzindo ou procurando significar a função de grande arteria que esse rio desempenhava na historia dos descobrimentos. Isto é, para quem penetrava do littoral para o sertão, o curso d'agua consideravel, susceptivel de navegação, o rio verdadeiro, era esse *Anhemby*, do gentio ou mais propriamente *Tietê*.

De facto, só elle, entre tantos outros que na região se encontravam, offerecia uma navegação regular, conduzindo ao interior do continente. Ao norte, ficavam rios impraticaveis (*pará-ahyba* ou *paraná-ahyba*); ao sul via-se ainda outro grande rio imprestavel (*paraná-panema*). A denominação *Tietê*, substituindo-se á primitiva (*Anhemby*), exprime decerto um progresso cuo resultado de um conhecimento mais perfeito do paiz interior; é nome evidentemente de procedencia *mameluca*.

Da mesma procedencia, como algures já o assignalei, é o nome *Botucavarú*, muito usado no sul para designar as montanhas longinhas, ou os montes elevados sobre os quaes as nuvens pousam, palavra hybrida que quer dizer—*cavallo das nuvens ybytú-cabarú*.

O nome *Tupã*, cuja interpretação, por mim dada, foi tida pelo critico como ethnologicamente falsa, dado o ponto de vista em que este se collocou, teve com toda a certeza mais de um sentido desde o tupi puro, primitivo, até a *lingua geral*, esta já profundamente influenciada pela cultura européa.

Tupã, no tupi primitivo, genuinamente indigena, é *tub-ã*, o que fica em cima, o que está no alto ou erguido. Dahi: *tupã-beraba* é o que está no alto reluzindo, o relampago; *tupã-cynynga*, o que está no alto roncando, o trovão. Na *lingua geral*, porém, já influenciada pelo missionario, e carecendo de expressões para as idéas da religião nova, *tupã*, (*tub*—o que jaz, o que fica, o que reside; *ã*—alto, erguido), por uma extensão naturalissima do vocabulo, vae até exprimir—o que domina, o que fica superior, Deus, o Altissimo.

O missionario, o catechumeno descobriria no nome *Tupã* mais alguma cousa certamente. *Tupã* pode provir de *tup-pae*, e ã alto, erguido, superior, e, portanto, significaria tambem *pae superior*, *pae do alto*, *pae que está nas alturas* ou *no ceu*, como crê o verdadeiro christão.

Assim, pois, si ethnologicamente como disse o meu illustre critico, o nome *Tupã* não pode ter a interpretação que lhe dei porque importaria considerar «o indio brasileiro que se achava em cheio no animismo fetichista, um monotheista», pode comtudo, admittil-a como uma apropriação de vocabulo em satisfação de uma necessidade nova. Si ethnologicamente a interpretação é falsa, historicamente não o é, e este era o meu alvo a attingir; porquanto, escrevendo o *Tupã na Geographia Nacional*, não visei só o indio puro, o selvagem livre de influencia extranha, mas tambem o *culumim* catechumeno, o gentio baptisado e companheiro do homem branco na conquista dos sertões, o *mameluco* que recebia de sua mãe india christã as primeiras noções da religião nova, o grosso da população neo-portugueza que se foi constituindo e a quem se deve em boa parte, ou na maxima parte, o nosso vocabulario geographico de hoje.
